



Protestantismo em Revista é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

# Os (re)batizadores: primórdios dos batistas e das denominações

The (re)baptizers: the early years of Baptists and other denominations

Timóteo Monteiro Borba\*

## Resumo

No presente artigo, apresenta-se narrativas sobre os primórdios e história do movimento religioso conhecido como batistas, destacam-se diversas linhas de pensamentos e teorias de onde e quando pode ter iniciado tal trajetória religiosa. Busca-se entender e diferenciar história dos batistas enquanto primórdios históricos e história denominacional onde grupos não mais denominados, porém, autodenominados começam a reunir-se em prol de ideais próprios e institucionais. Levanta-se no presente artigo também a realidade de existir diversos pensamentos sobre diversas instituições diferentes, porém com a mesma nomenclatura de denominação e a afirmação de possuírem os mesmos primórdios e caminhos históricos: a de serem chamados de "Batistas".

## Palavras-chave

História. Batistas. Igreja. História dos Batistas.

## Abstract

In this article, we present narratives about the origins and the history of the religious movement known as Baptists, we highlight several lines of thoughts and theories of where and when you can get started this religious path. Seeks to understand and differentiate Baptist history as historical beginnings and denominational history where not named groups, however, self-appointed begin to meet for the sake of themselves and institutional ideals. The article also approaches the reality there were several thoughts on several different institutions, but with the same designation of nomenclature and the statement possess the same beginnings and historical paths: that of being called "Baptists."

## Keywords

History. Baptists. Church. History of the Baptist's church.

## Introdução

A história ou primórdios<sup>1</sup> dos movimentos<sup>2</sup> religiosos denominados de batistas apresenta primariamente, ou seja, em nível mundial, três (3) teorias as quais serão

---

[Texto recebido em agosto de 2015 e aceito em outubro de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

\* Bacharel em Teologia (FTBAW – Dourados/MS). Mestrando em Ciências da Religião (Faculdade Unida – Vitória/ES). E-mail: borbas@hotmail.com

<sup>1</sup> Tem-se aqui primórdios como narrativa que visa trazer sentido a mais diversas afirmações.

apresentadas e explanadas uma a uma. A primeira, conhecida como JJJ - que designa a nomenclatura Jerusalém-Jordão-João, a qual - segundo Pereira<sup>3</sup> - afirma a existência dos batistas desde os tempos dos batismos que João (o Batista)<sup>4</sup> realizava, o qual, segundo as Escrituras Sagradas de tradição cristã, realizou também no Rio Jordão. A segunda designa uma certa descendência ou parentesco histórico com os denominados de Anabatistas. E a terceira é a teoria de que os batistas descendem dos ingleses Separatistas do século XVII.

Podem-se distinguir três teorias a respeito da origem dos Batistas. A primeira, é a teoria JJJ ou Jerusalém-Jordão-João. A segunda é a do parentesco espiritual com os Anabatistas do século XVI. E a terceira é a teoria da origem dos Separatistas Ingleses do século XVII.<sup>5</sup>

Sobre cada teoria apresentada, pretende-se destacar cada uma, mostrando seus rumos históricos e suas ligações que as aproximam das mais diversas ramificações existentes da denominação de batistas. Pretende-se demonstrar também com clareza a diferenciação da estória<sup>6</sup> dos primórdios batistas dos apontamentos históricos fundantes da denominação. Assim, torna-se clara a afirmação de que tal pesquisa pretende levantar fatores fundantes daquilo que hoje entende-se por batistas.

### O Rastro de Sangue: a teoria JJJ

A primeira teoria aqui apresentada é a adotada pelo pastor batista J. M. Carroll, o qual escreveu uma pequena literatura intitulada *O Rastro de Sangue*, sendo grandemente difundida no Brasil, sobre a qual Pereira<sup>7</sup> faz a afirmação de existir - em tal teoria - uma linha de pensamento que os batistas seguem uma história ininterrupta desde os tempos dos batismos no Rio Jordão efetuados por João Batista; porém, é interessante afirmar que Carroll apresenta uma continuidade histórica tanto Anabatista quanto dos Puritanos Separatistas da Inglaterra. Carroll primariamente não quer fazer a apologia de que os batistas vem de João o Batista, mas sim dizer que a religião cristã foi criada por Cristo e João o Batista com sua pregação e martírio influenciou o desdobramento de tal religião, a Cristã.<sup>8</sup>

---

<sup>2</sup> Plural aqui, pois não existe somente um movimento que se denomina, ou é denominado batista. Há diversos. Cf. Conclusão.

<sup>3</sup> PEREIRA, José dos Reis (da Silva). *História dos Batistas no Brasil*. 3. ed. ampl. e atual. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

<sup>4</sup> Referência ao personagem bíblico João, o Batista, que pregava o arrependimento e batizava. Encontra-se referência sobre ele a partir de Mateus 3, Marcos 1, Lucas 1,2 e 3 e João 1.

<sup>5</sup> PEREIRA, 2001, p. 13.

<sup>6</sup> Trata-se como estória, não algo que seja falso, mas, ideologias de diversos movimentos os quais influenciaram os ideais batistas até sua fundação enquanto denominação e não como princípios denominacionais já formados de um determinado grupo, ou seja, princípios homogêneos.

<sup>7</sup> O mesmo opúsculo pode ser apresentado tanto como *Rastro de Sangue*, como *Rasto de Sangue*.

<sup>8</sup> CARROLL, J. M. *O Rasto de Sangue*. Disponível em: <<http://www.pibjo.org.br/pibjo/wp-estudos/O%20Rasto%20de%20Sangue.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2015. p. 7.

Fato que Carroll, em seu opúsculo, destaca os Anabatistas, além de afirmar que eles tiveram outros nomes, mostra que os Batistas, desenvolveram-se, através deste grupo que, com a decaída do prefixo "Ana", ficou – segundo Carroll – conhecido como batista.

É um fato fora de dúvida e que parece na história verossímil, que um retrospecto através da história, mesmo até o 4º século, nos há de mostrar que eram chamados de Anabatistas todos aqueles que recusavam aceitar a doutrina da "Regeneração Batismal" e que rebatizavam todos aqueles que vinham da Hierarquia. Não obstante também sido apelidados com outros títulos, agora eram conhecidos somente como "Anabatistas". Já no limiar do século 16 o prefixo "Ana" caiu e o nome foi encurtado para "Batista", caindo gradualmente todos os outros nomes.<sup>9</sup>

Porém, quase ao final de sua obra, afirma.

O nome batista é um apelido e lhes foi dado por seus inimigos. (Se é que não o fôra dado legitimamente pelo próprio Salvador, quando Ele se referiu a João, como o "Batista"). Até o dia de hoje o nome batista nunca foi oficialmente adotado por qualquer grupo de batistas. O nome, entretanto, se fixou e foi voluntariamente aceito e orgulhosamente recebido. Ele se ajustou perfeitamente. Este foi o nome distintivo do precursor de Cristo, o primeiro a ensinar a doutrina que os batistas agora mantêm.<sup>10</sup>

Nota-se, que o autor não afirma categoricamente o fato de ser João, o Batista, o fundador da seita<sup>11</sup> dos batistas, mas sim que foi um ensinador dos princípios que – o autor afirma ser – os batistas mantêm. Pois, segundo o próprio Carroll, foi-se levantada, fundada, formada tal seita, ou aceitação religiosa de preceitos no período Constantinopolitano,<sup>12</sup> onde foram levantados os seguintes assuntos: a mudança de um do governo democrático da igreja para um o governo eclesiástico, ou seja, os bispos não servem mais às igrejas, agora, são seus senhores; a aparição do conceito de Regeneração Batismal, a mudança do batismo dos que têm consciência para crer para batismo infantil (pedobatismo); casamento da igreja com o estado, nominação de cristão somente aos que se encontram dentro da igreja aliançada com Roma, por agora o governo também ser a igreja, não existe mais liberdade religiosa e início da perseguição e nomenclatura/titulação de grupos religiosos que não aceitaram as mudanças referidas anteriormente.<sup>13</sup> Assim,

---

<sup>9</sup> CARROLL, 2015, p. 24.

<sup>10</sup> CARROLL, 2015, p. 25.

<sup>11</sup> Afirma-se seita aqui como uma ramificação religiosa que se desvia dos conceitos religiosos abordados por uma maioria. Maioria tal afirmada como católicos romanos. Não se busca aqui conceitos de valores mas sim apresentar distinção entre ramificações religiosas.

<sup>12</sup> Afirma-se aqui como tal período o casamento entre Igreja e Estado, sendo isso o germe da Igreja Católica Romana.

<sup>13</sup> CARROLL, 2015, p. 12.

O rápido curso seguido pelas igrejas leais provocou um grande desprazer aos fanáticos da religião do Estado, muitos, senão a maioria, dos quais não era de genuínos convertidos. O nome "cristão" entretanto foi negado às igrejas que não aceitavam os novos erros. Uma vez privados disto, foram chamados por outros nomes, alguns por uns e outros por outros, como sejam: Montanistas, Tertulianistas, Novacianos, Paterinos, e alguns, ao menos, por causa do costume de rebatizar os que haviam sido batizados na infância, foram chamados ana-batistas.<sup>14</sup>

De certa maneira, não existem indícios de que realmente existiu um grupo ininterrupto desde a época de João, o Batista. O que se pode com facilidade afirmar é que algum ou alguns grupos religiosos discordantes com o nascimento da religião-estado romana, espelharam-se em alguns resquícios<sup>15</sup> de manuscritos do que hoje se entende como Bíblia cristã. Visto que ainda não existia a prensa do alemão Gutenberg, a qual fora inventada<sup>16</sup> e fez a primeira tiragem de um livro completo por meados de 1425 e 1456,<sup>17</sup> então tornava-se caro e complicado possuir livros completos, pois antes eles eram feitos por copistas. Segundo Carroll, o casamento da "religião cristã" com Roma deu-se por meados de 426 d.C.<sup>18</sup> Não existia tanta facilidade em se apoderar ou ter como posse um exemplar da Bíblia cristã.

### **A teoria dos "anabatistas": o legado estórico dos batistas**

Logo após uma mínima explanação sobre o pensamento JJJ, aqui apresentado através da obra de J. M. Carroll, vale apresentar a teoria chamada de Parentesco Espiritual com os Anabatistas<sup>19</sup> que, de certo modo, não se distancia tanto do que Carroll defende a respeito dos Anabatistas. Hurlbut defende o fato de que os batistas descendem da Reforma, surgindo na Suíça.

Surgiram os batistas pouco depois da Reforma, na Suíça, e espalharam-se rapidamente no norte da Alemanha e na Holanda. No princípio foram chamados de anabatistas, porque batizavam novamente aqueles que haviam sido batizados na infância.<sup>20</sup> Sobre o início do movimento anabatista, Olson dá seu apoio a Hurlbut, não no

---

<sup>14</sup> CARROLL, 2015, p. 11.

<sup>15</sup> Pequenos fragmentos ou cartas cristãs dos primeiros séculos d.C.

<sup>16</sup> Por observação é bom fazer lembrar que Gutenberg não foi o inventor da prensa tipográfica, mais sim aprimorou projetos asiáticos de 14 séculos antes. Cf. TOSSERI, Olivier. *Gutenberg não inventou a imprensa*. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/gutenberg\\_ nao\\_inventou\\_a\\_imprensa.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/gutenberg_ nao_inventou_a_imprensa.html)>. Acesso em: 18 jun. 2015; LINARDI, Fred. *A prensa de Gutenberg*. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/prensa-gutenberg-435887.shtml>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

<sup>17</sup> TOSSERI, 2015.

<sup>18</sup> CARROLL, 2015, p. 11-12.

<sup>19</sup> PEREIRA, 2001, p. 13.

<sup>20</sup> HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*. Miami: Vida, 1979. p. 188.

fato de ser o início (nascimento) dos batistas, mas sim enquanto início do movimento anabatista.

Antes de examinarmos a teologia do anabatismo, é bom explicarmos o início do movimento. De acordo com o historiador anabatista William R. Estep, “o ato mais revolucionário da Reforma” aconteceu em Zurique, em 21 de Janeiro de 1525. Um ex-sacerdote católico, chamado Jorge Blaurock, que havia se tornado protestante reuniu-se secretamente com outros seguidores radicais de Zuínglio. Estavam insatisfeitos com o andamento lento e cauteloso da reforma em Zurique. Dois jovens brilhantes seguidores de Zuínglio, chamados Félix Manz e Conrado Grebel, estavam entre eles. Depois de cuidadoso estudo e oração, resolveram batizar uns aos outros. Embora, hoje em dia, esse ato não pareça especialmente corajoso, naquele tempo era. Recusar o batismo infantil e rebatizar as pessoas era ilegal por ser considerado heresia e sedição.<sup>21</sup>

Nota-se que exista uma discordância com Carroll na questão de datação do nascimento dos movimentos conhecidos como anabatistas. O autor de *Rasto de Sangue* designa os anabatistas como um movimento que sempre vem lutando contra a igreja-estado romana<sup>22</sup> e suas afirmações dogmáticas desde o casamento religioso Igreja-Estado, já Olson e Hurlbut destacam o fato do movimento anabatista nascer durante a Reforma “Zuingliana”.<sup>23</sup> Também defensor dessa ideia é Walker, o qual faz a afirmação que possivelmente na casa de Félix Manz em Zurique, no dia 21 de Janeiro de 1525, em uma reunião, Blaurock passou a batizar os outros por aspersão e possivelmente algumas semanas depois ocorreu o caso do batismo por imersão.<sup>24</sup>

Fato incontestável é que os anabatistas estavam presentes no movimento da Reforma, tanto na reforma “Zuingliana” quanto na Reforma Calvinista. Como princípio explicativo deste fato, torna-se interessante analisar o dito de Muirhead ao afirmar:

A palavra “batista” usada para designar uma denominação cristã é de origem relativamente moderna. “Taufers,” o equivalente em alemão, foi geralmente usado por Zwínglio e seus adeptos para designar os primeiros anti-pedobatistas dos primeiros anos da Reforma. Também os nomes “anabatistas” e “catabatistas” foram empregados pelos oponentes dos anti-pedobatistas.<sup>25</sup>

Com tal afirmação e outras anteriores, não existe dúvida que no período da Reforma em Zurique estavam presentes os anabatistas, porém, eles não somente eram

<sup>21</sup> OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida 2001. p. 427.

<sup>22</sup> Cf. Supracitado.

<sup>23</sup> Termo adaptado nosso.

<sup>24</sup> WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. v. I-II. 4. ed. Rio de Janeiro: JUERP; São Paulo: ASTE, 1983. p. 40-41.

<sup>25</sup> MUIRHEAD, H. H. *O cristianismo através dos séculos*. v. III. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1949. p. 127.

chamados com tal nomenclatura, a perceber a afirmação de Muirhead, a grande questão levantada era o anti-pedobatismo que, por sua vez, entende-se que não havia aceitação do batismo infantil por parte desse grupo, sendo uma contrariedade, negação.

Percebe-se o termo “catabatista”<sup>26</sup> usado por Muirhead pode ser entendido como aqueles que eram contrários ao batismo até dos sacerdotes religiosos, mesmo que sejam reformadores. Tal termo evidencia que existiam grupos de anti-pedobatistas os quais afirmavam que o batismo pelo qual os sacerdotes das igrejas católicas passaram não era válido, assim, quem fora batizado por tais sacerdotes também não tinha seu batismo válido, ou seja, para os “catabatistas” nunca teria realmente sido batizado.

Um contestador dessa afirmação catabatista é o teólogo francês João Calvino, o qual teve uma importante participação durante os movimentos da Reforma. Ele afirma no Tomo 2 de sua obra *A instituição da Religião Cristã* que o que se leva em conta não é quem administra o sacramento, mas deve entender-se que ele é administrado pelas mãos de Deus, pois, para Calvino, o batismo não é de homens, mas sim divino.

Ademais, se é verdade o que dizemos, que o sacramento não deve ser avaliado pela mão que o administra, mas como se aceitássemos da própria mão de Deus, da qual sem dúvida alguma o recebemos, pode deduzir-se daqui que nada é tirado ou acrescentado ao sacramento pela dignidade da mão de quem o administra. E assim como, entre os homens, se uma carta for enviada, pouco importa quem ou qual terá sido o mensageiro, contanto que se reconheça a assinatura e o sinete de nosso Senhor em seus sacramentos, quem quer que seja o mensageiro.

Com essas palavras, fica totalmente refutado o erro dos donatistas, que mediam a força e o valor do sacramento pela dignidade do ministro. Tais são hoje em dia os nossos catabatistas, que negam que tenham sido batizados devidamente, porque fomos batizados por ímpios e idólatras, no reino papal. E, assim, insistem furiosamente no anabatismo.<sup>27</sup>

Como se pode observar, a história dos anabatistas acaba por se tornar uma estória, um mito,<sup>28</sup> pois é apresentada de diversos modos e diversas maneiras e em diversos povos. É de suma importância destacar que as teorias tanto de J. M. Carroll quanto as outras apresentadas aqui não se combatem, mas são apresentadas a despeito de diferentes grupos, de diferentes pessoas que muitas vezes viviam realidades totalmente adversas. Por exemplo, alguns afirmam que os anabatistas tinham doutrinas pacifistas e repudiavam a violência, outros afirmam que os anabatistas apoiaram revoltas. O que fica claro é que muitos dos anabatistas não eram parecidos e muitas vezes não compartilhavam da

---

<sup>26</sup> Cf. STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. Termo *kata* pode vir a significar algo hostil, contrário.

<sup>27</sup> CALVIN, Jean. *A instituição da religião cristã*. Tomo II. Livro III-IV. São Paulo: UNESP, 2009. p. 727.

<sup>28</sup> Destaca-se aqui as palavras *estória* e *mito* não em significação à mentira, mas sim significando narrativas, maneiras diferentes de se contar um fato.

maioria de suas doutrinas. Simplesmente muitos grupos e pessoas receberam tal nome, pois eram radicalmente contra o pedobatismo.

Importante se faz a observação de Henn expressa no *Lexicon: Dicionário teológico enciclopédico*, quando destaca a impossibilidade de existir em homogeneidade uma só comunidade ou um só grupo que possa igualmente, ou seja, manter os mesmos ritos, crenças e doutrinas e serem chamados de anabatistas por esse motivo. Fato esse, que como já fora citado anteriormente, eles não se denominavam anabatistas, mas sim eram denominados com tal nomenclatura.

Jamais existiu uma só comunidade homogênea que pudesse ser identificada como os anabatistas. Antes, a palavra se referia a muitos grupos diferentes que davam importância ao batismo dos crentes e à necessidade de uma mudança radical na Igreja, segundo o modelo que se encontra no NT.<sup>29</sup>

Muitos outros grupos foram levantados e apresentados como anabatistas, em suma, o que se pode destacar é que mesmo não sendo autodenominados com tais nomenclaturas muitos dos participantes de diversos grupos religiosos como valdenses,<sup>30</sup> novacianos, donatistas, jovinianos, vigilancianos<sup>31</sup> e até mesmo precursores e influenciadores dos menonitas, de Meno Simons,<sup>32</sup> foram chamados por e acusados de anabatistas por outros grupos religiosos como a igreja-estado romana e próprios reformadores como Lutero, Zwinglio e Calvino e também perseguidos por diversas épocas e maneiras, pois se apresentavam contra todo movimento religioso que aceitasse ligação de poder com o estado e também o batismo infantil, ou seja, o pedobatismo.

Para não prolongar muito a breve explanação sobre os anabatistas, e entendendo que não existe possibilidade de datar ou destacar fatos históricos que fundamentam o início ou ascensão dos de nomenclatura, torna-se importante destacar a afirmação feita por Pereira do fato de existirem três (3) teorias a despeito dos anabatistas. A primeira, um grupo de datação longínqua que manteve-se em secreto até o despertar da Idade Média e espalhou-se no continente europeu, basta saber se foram pessoas que se espalharam ou a ideologia mantidas por diversos grupos. A segunda afirma que os anabatistas descendem de movimentos diretos de pré-reformadores medievais, os quais são considerados como perpetuadores dos movimentos adversos a Roma. E a terceira, a ideia de que os anabatistas foram criados em Zurique, na Suíça, advindos da Reforma Zuingliana.<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> HENN, W. In: PACOMIO, Luciano (Ed.). *Lexicon: Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 21.

<sup>30</sup> PEREIRA, 2001, p. 44.

<sup>31</sup> MUIRHEAD, 1949, p. 128.

<sup>32</sup> OLSON, 2001, p. 435-437; MATOS, Alderi Souza de. *Fundamentos da Teologia Histórica*. São Paulo: Mundo Cistão, 2008. p. 163.

<sup>33</sup> Cf. PEREIRA, 2001, p. 44.

Assim, destaca-se a grande questão dos anabatistas, não somente um grupo, mas sim uma ideologia anti-romana e anti-imperialista-religiosa<sup>34</sup> que se espalhou por grande parte do continente europeu como pensamentos religiosos diferentes dos apresentados como cristãos e de certa maneira reformados. E, se os batistas não nasceram desses grupos, pelo menos, por eles foram pelo menos influenciados, ideologizados.

### **A terceira teoria: primórdios denominacionais**

Levantando a última teoria sobre a história ou primórdios batistas no mundo, destaca-se a teoria que afirma que os batistas nasceram com o movimento separatista inglês, mais especificamente dos congregacionais que insistiam que o batismo era para os já regenerados. Através de tal teoria, Torbert destaca duas razões pelas quais legitima tal teoria. Primeiro, por não violentar princípios históricos, pois, para ele, quem afirma que os batistas modernos se originam de seitas antigas assim o faz: violenta princípios históricos. Segundo, os batistas não são como os anabatistas na questão de serem adversos a cargos e juramentos públicos, nem adotam as doutrinas do pacifismo, do sono da alma e da sucessão apostólica para a realização/ministração do ato batismal.<sup>35</sup>

Agora, assumir tais afirmações é, de certa forma, legalizar uma teoria de que existiu uma doutrina anabatista, ou seja, homogeneidade dos movimentos, trazendo para si o fato de que os anabatistas se autointitularam com tal nomenclatura, pois era um grupo organizado e homogêneo a ponto de criar tal doutrina. Ou, no mínimo, generalizar fatos isolados para todos os que se opunham à dogmática romana e ao pedobatismo. Nota-se que o anabatismo se apresentou mais fortemente como ideia/ideologia do que como um grupo doutrinado; pois, se forem analisadas as diversas afirmações feitas anteriormente, ter-se-ia aí um dilema. Como intitular outros grupos como valdenses, menonitas, paulicianos, dentre outros de anabatistas, se não for pelos ideais? Não se consegue entender também, como alguns apoiaram revoltas se eles eram pacifistas? Não se torna benéfico procurar história sendo generalista.

A respeito da “história dos batistas”, precisa-se destacar que até então os nomes e nomenclaturas eram recebidos de grupos religiosos rivais à ascendência dos (re)batizadores. Somente a partir dos movimentos Puritanos e Separatistas, foi-se adotado o nome de “Batistas”. Antes eram diversos grupos com diversos nomes que “hostilmente” foram chamados por diversas nomenclaturas, a partir do século XVII, tem-se uma organização denominacional, ou seja, grupos religiosos se autodenominando de batistas. Observa-se tal afirmação de Anderson:<sup>36</sup> “*el origen histórico de la denominación bautista se*

---

<sup>34</sup> Tal(is) termo(os) refletem a respeito de igrejas que eram fundamentadas como estatais (religião dependente do Estado e Estado dependente da religião). Por exemplo, anglicanos, príncipes luteranos e calvinistas.

<sup>35</sup> TORBERT *apud* PEREIRA, 2001, p. 44.

<sup>36</sup> ANDERSON, Justo. *Historia de los bautistas: sus bases y principios*. Tomo I. 6. ed. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 2004. p. 38.



encuentra en el siglo XVII, relacionado con la revuelta de los puritanos separatistas ingleses contra la tiranía de una iglesia establecida".<sup>37</sup>

Até os primeiros anos dos século XVII, poder-se-ia dizer estórias batistas por motivo da disseminação de ideologias e veredas para um desenvolvimento histórico institucional. Estória, porque o que se era apresentado não eram fatos locais, primórdios e princípios únicos, mas sim diversos grupos que, de certa forma, através de gerações pregam seus dogmas contra igrejas (instituições religiosas) estatais e pedobatismos. Porém, nos primeiros anos do século XVII, com o desenvolver de problemas religiosos (e estatais) entre Igreja Romana e Igreja da Inglaterra (Anglicana), advindos do puritanismo, tem-se as primeiras "instituições religiosas" (igrejas, grupos uníssonos, homogêneos *entre si*) chamadas de Batistas. Primeiro estória, depois história. Primeiro primórdios, veredas, depois grupos homogêneos, instituições. Primeiro denominados, depois, autodenominados e organizados como batistas. Tona-se então importante enfatizar sobre os puritanos, de onde surgiu de dentro do Anglicanismo os Batistas.

Era bastante confusa a situação religiosa da Inglaterra no início do século XVII. A religião oficial era a Anglicana, firmemente estabelecida durante o longo reinado de Isabel. Mas ainda permaneciam muitos católicos romanos, apesar das leis existentes contra eles. Logo no início do reinado de Jaime I,<sup>38</sup> que substituiu Isabel, houve uma terrível trama católica, a chamada conspiração das pólvoras, que pretendia fazer voar pelos ares, numa tremenda explosão, o rei e todo o parlamento. Essa conspiração, descoberta a tempo provocou repressão maior e maior repulsa do povo inglês pelo catolicismo romano. Mas dentro da igreja anglicana havia também um grupo dissidente, os puritanos.<sup>39</sup>

Sobre os puritanos, Olson afirma que existiram duas linhas de pensamento, dividindo-os assim em minimamente dois grupos, puritanos e puritanos separatistas. O primeiro grupo acreditava na reforma da igreja anglicana gradual de dentro para fora, já os separatistas acreditavam na total corrupção da igreja, sendo impossibilitada de reforma.

Nas primeiras décadas do século XVII, os puritanos começaram a discutir a respeito da natureza da igreja ideal. Alguns queriam permanecer na Igreja da Inglaterra a qualquer custo para continuar tentando reformá-la. Outros insistiam que a igreja estatal era irreversivelmente corrupta e poluída, longe de qualquer possibilidade de reforma. Estes se separaram da Igreja Anglicana e formaram igrejas independentes que seguiam a forma congregacional de governo eclesiástico. Cada igreja seria autônoma, com

<sup>37</sup> A origem histórica da denominação batista se encontra no século XVII, relacionada com a revolta dos puritanos separatistas ingleses contra a tirania de uma igreja estabelecida. *Tradução própria.*

<sup>38</sup> O autor faz referência aqui ao rei James I (ou Tiago I em português brasileiro).

<sup>39</sup> PEREIRA, 2001, p. 49.

governo próprio, escolheria seu próprio pastor e tomaria suas próprias decisões a respeito do culto e suas práticas.<sup>40</sup>

Roger Olson ainda afirma que “os batistas eram os puritanos separatistas e congregacionais que resolveram abandonar o batismo infantil e adotar a prática anabatista do batismo dos crentes”<sup>41</sup> e, concordando com tal citação, Hurlbut destaca que os batistas “(...) a princípio, estavam unidos com os independentes ou congregacionais, mas pouco a pouco tornaram-se um corpo independente”.<sup>42</sup>

Necessário se faz citar John Smyth, religioso formado na universidade de Cambridge que em 1606 se aliou aos separatistas na cidade de Gainsborough e logo fora escolhido como pastor pela própria comunidade, dadas suas qualidades. Porém, por motivo das perseguições anglicanas aos puritanos e separatistas pelo rei Tiago I, refugiou-se nos Países Baixos,<sup>43</sup> onde dentro de uma comunidade de língua inglesa se sustentou como médico e na cidade de Amsterdam organizou a segunda igreja separatista. No entanto, Smyth se convenceu de que uma igreja deveria ser composta de pessoas regeneradas e logo após batizadas mediante uma profissão de fé, desfazendo assim a afirmação da validade do pedobatismo e com tal ideia, (inconscientemente) aderiu ao catabatismo, afirmando que o batismo pelo qual passara (outros de sua igreja também tinham se submetido a tal batismo) não possuía nenhum significado. Não conhecendo ninguém autorizado para ministrar tal ato batismal, solicitou que Thomas Helwys o batizasse, mas ele não aceitou, alegando que tal iniciativa deveria partir do pastor. Assim, Smyth batizou-se e batizou aos outros – entre 36 a 40 pessoas – organizando então a primeira igreja batista no mundo, localizada na cidade de Amsterdam em 1609, porém, de fala inglesa. Cessando um pouco a perseguição anglicana, Thomas Helwys, advogado que promoveu fundos para o refúgio de Smyth nos Países Baixos, regressou à Inglaterra e em 1611/1612 organizou a primeira igreja batista em solo inglês na cidade de Londres onde ficaram conhecidos como batistas gerais, pois refutavam as doutrinas calvinistas afirmando que Jesus Cristo morreria por todos os homens, não somente pelos eleitos,<sup>44</sup> pois eles admitiam a redenção de todos caso cressem.<sup>45</sup>

Thomas Helwys, no entanto, não ficou por muito tempo à frente da igreja batista, pois em 1612 escrevera um livro com o título *Uma Breve Declaração Sobre o Mistério da Iniquidade*. Tal obra expressava a reivindicação da liberdade de consciência para todos e atacava diretamente a religião estatal anglicana e, conseqüentemente, o rei. Em um trecho

---

<sup>40</sup> OLSON, 2001, p. 508.

<sup>41</sup> OLSON, 2001, p. 509.

<sup>42</sup> HURLBUT, 1979, p. 188.

<sup>43</sup> País que atual e popularmente é conhecido como Holanda, porém não se citou tal nome aqui por motivo de existirem províncias dentro dos Países Baixos com o nome de Holanda: a Holanda do Sul e a Holanda do Norte. Outro nome possível de se chamar o país é Neerlândia.

<sup>44</sup> *Eleitos* é entendido aqui como um grupo específico de pessoas, e não como eleição de todos os que creem.

<sup>45</sup> Cf. MUIRHEAD, 1949, p. 129-131; PEREIRA, 2001, p. 49-51; WALKER, 1983, p. 146.

de sua obra afirmou o seguinte: “(...) a religião do homem está entre Deus e eles: o rei não tem que responder por ela e nem pode o rei ser juiz entre Deus e o homem. Que haja, pois, heréticos, turcos, ou judeus ou outros mais, não cabe ao poder terreno puni-los de maneira nenhuma”.<sup>46</sup> Por tal motivo, fora preso e por volta de 1615 morreu na prisão. Por volta de 1626, tanto Muirhead quanto Pereira afirmam que já existiam cinco igrejas batistas gerais, também é destacado o fato de que fora formada uma correspondência fraternal dessas Igrejas com os grupos de ideais anabatistas dos Países Baixos chamados de Menonitas. Em meados de 1644, o número de igrejas batistas gerais na Inglaterra já alcançava quarenta e sete (47).

Outro grupo que não pode deixar de ser citado é o dos batistas particulares, os quais também eram separatistas, porém tiveram sua origem bem diferente dos batistas gerais. Eles aderiram a ideias calvinistas.

Em 1616, Henrique Jacob fundara a igreja congregacional de Londres da qual amigavelmente saíra em 1633, sob a liderança de João Lathrop um grupo de membros e antes de 1640 outro grupo saíra, o qual se juntou com a nova igreja organizada por Lathrop, simplesmente por aderirem a princípios anabatistas ou anti-pedobatistas. Então, Henrique Jessey, pastor que assumira a igreja de Henrique Jacob, juntamente com seus membros, convenceram-se que – para eles – a imersão fosse a única forma válida de batismo, mas não possuíam alguém autorizado para ministrar tal ato, por tal motivo, enviaram Ricardo Blalock, membro da citada igreja, aos Países Baixos, onde fora imergido, Voltando, em 1641, batizou um considerável número de pessoas por imersão, surgindo assim a primeira igreja batista particular e em 1643 já havia sete destas igrejas em Londres e regiões vizinhas.<sup>47</sup>

## Conclusão

Concluindo, asserioa-se que, como estória, percebe-se pensamentos que foram “tomados posse” como se batistas desde a Idade Média. Porém, torna-se necessário fazer um retorno à continuidade das igrejas batistas inglesas, pois crê-se que, de forma denominacional, o movimento<sup>48</sup> batista começou com os ingleses John Smyth e Thomas Helwys, primeiramente nos Países Baixos, depois na Inglaterra e, logo após, nos demais lugares onde se encontra a presença de tal denominação.

É interessante perceber que entre três teorias históricas de nascimento de uma determinada “denominação”<sup>49</sup> podem existir tantas interpretações e seguimentos

<sup>46</sup> HELWYS *apud* PEREIRA, 2001, p. 51.

<sup>47</sup> Cf. MUIRHEAD, 1949, p. 132-133.

<sup>48</sup> Pensa-se aqui movimento enquanto denominação, ou seja, determinado grupo religioso que se autodenomina com sua nomenclatura.

<sup>49</sup> Usa-se aqui tal palavra, não para descrever uma federação, associação ou convenção a qual é regida por um conjunto de dogmas institucionais, mas sim para exemplificar a maneira de como um determinado grupo de pessoas que compartilham pensamentos em comum são chamados, ou seja, denominados.

dogmáticos<sup>50</sup> institucionais e não-institucionais. No caso dos batistas, observa-se três (3) levantamentos históricos diferentes, que sustentam a história de organizações as quais, não são somente chamadas, agora porém, se autodenominam de “batistas”. No mundo, existem cinco (5) organizações internacionais com a mesma denominação,<sup>51</sup> mesmo nome<sup>52</sup> – porém distintas umas das outras – e, em território Brasileiro, atualmente, encontram-se organizadas onze (11) instituições<sup>53</sup> totalmente autônomas, distintas, que, porém, compartilham de uma mesma vereda histórica, a de serem chamados de Batistas.

Mesmo existindo no mundo três (3) linhas históricas de desenvolvimento e criação da denominação “batista” e várias organizações se intitulando e se organizando com a tal nomenclatura, todos os presentes grupos aqui levantados compartilham, se não as três, uma linhagem histórica da/das qual/quais afirmam descender.

## Referências

ALIANCE OF BAPTISTS. Disponível em: <<http://allianceofbaptists.org>>. Vários acessos.

ANDERSON, Justo. *Historia de los bautistas: sus bases y principios*. Tomo I. 6. ed. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 2004.

BAPTIST WORLD ALLIANCE. Disponível em: <<https://www.bwanet.org>>. Vários acessos.

BÖLTING, Rudolf. *Dicionário Grego-Português*. Rio de Janeiro: MEC; Instituto Nacional do Livro, 1953.

CALVIN, Jean. *A instituição da religião cristã*. Tomo II. Livro III-IV. São Paulo: UNESP, 2009.

CARROLL, J. M. *O Rasto de Sangue*. Disponível em: <<http://www.pibjo.org.br/pibjo/wp-estudos/O%20Rasto%20de%20Sangue.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

---

<sup>50</sup> Entende-se aqui o dogma como uma opinião, crença, até mesmo interpretação individual ou de um grupo. Cf. *Dogma*. In: BÖLTING, Rudolf. *Dicionário Grego-Português*. Rio de Janeiro: MEC; Instituto Nacional do Livro, 1953.

<sup>51</sup> Aqui no sentido somente de nomenclatura e não organização institucional.

<sup>52</sup> Não se descarta a possibilidade de haver mais organizações, porém, em levantamento, constatou-se as seguintes: 1. Aliança Batista Mundial (Baptist World Alliance) - <<https://www.bwanet.org>>. 2. Aliança dos Batistas (Alliance of Baptists) - <<http://allianceofbaptists.org>>. 3. Batistas do Sétimo dia (Representados historicamente pela Seventh Day Baptist Church of Shiloh) - <<http://www.shilohsdb.org/AbUs>>. 4. InterAct (Batistas Independentes Internacional) - <<http://cibi.org.br/quem/27-nossa-historia>>. 5. Associação Cooperativa Geral das Igrejas Batistas Livres (Cooperative General Association of Free Will Baptists - hoje - International Fellowship Of Free Will Baptist Churches) - <<http://www.ifofwbc.org>>.

<sup>53</sup> Não se descarta a possibilidade de haver mais organizações, porém, em levantamento, constatou-se as seguintes: 1. Convenção Batista Brasileira. 2. Convenção Batista Nacional. 3. Convenção das Igrejas Batistas Independentes. 4. Missão Batista Livre do Brasil. 5. Convenção Batista Conservadora. 6. Comunhão Batista Bíblica Nacional. 7. Associação das Igrejas Batistas Regulares do Brasil. 8. Comunhão Reformada Batista do Brasil. 9. Igrejas Batistas do Sétimo Dia. 10. Associação Batista Brasileira. 11. Aliança de Batistas do Brasil.

HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*. Miami: Vida, 1979.

INTERACT. Disponível em: <<http://cibi.org.br/quem/27-nossa-historia>>. Vários acessos.

INTERNATIONAL FELLOWSHIP OF FREE WILL BAPTIST CHURCHES. Disponível em: <<http://www.ifofwbc.org>>. Vários acessos.

LINARDI, Fred. *A prensa de Gutenberg*. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/prensa-gutenberg-435887.shtml>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

MATOS, Alderi Souza de. *Fundamentos da Teologia Histórica*. São Paulo: Mundo Cistão, 2008.

MUIRHEAD, H. H. *O cristianismo através dos séculos*. v. III. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1949.

OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida 2001.

PACOMIO, Luciano (Ed.). *Lexicon: Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

PEREIRA, José dos Reis (da Silva). *História dos Batistas no Brasil*. 3. ed. ampl. e atual. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

SEVENTH DAY BAPTIST CHURCH OF SHILOH. Disponível em: <<http://www.shilohsdb.org/AbUs>>. Vários acessos.

STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002.

TOSSERI, Olivier. *Gutenberg não inventou a imprensa*. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/gutenberg\\_ nao\\_inventou\\_a\\_imprensa.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/gutenberg_ nao_inventou_a_imprensa.html)>. Acesso em: 18 jun. 2015.

WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. v. I-II. 4. ed. Rio de Janeiro: JUERP; São Paulo: ASTE, 1983.